

Nº 18
Volume 03
Dezembro
2006



Galante

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO

FANDANGO E CHEGANÇA

Herança épica portuguesa na cultura potiguár



Mestre Antônio Lima

Ricardo Canella
*Bela Nau Catarineta!
Dela vos venho contar:
Sete anos e um dia, ó tão linda!
Por sobre as ondas do mar!*

Fandango de Canguaretama /RN - foto acervo de Antônio Lima

Labim/UFRN



Fandango de Canguaretama /RN

A partir do século XVI, Portugal lançou-se ao mar, iniciando o que se constituiu como o período das Grandes Navegações. A criação poética suscitada pela emoção coletiva desse acontecimento narrou feitos excepcionalmente heróicos e deu a estes um caráter mítico-histórico. Isso foi decisivo para que houvesse um grande legado memorial, tanto da coletividade lusitana como da brasileira, pois a herança das travessias marítimas e as trágicas histórias que delas derivaram foram registradas pelo povo e se constituíram, posteriormente, em importantes tradições artísticas populares no Brasil.

*Já não tinha o que beber
Nem tampouco o que manjar
Senão sola de sapato, ó tão linda!
Para a vida sustentar*

*Botamos sola de molho
Para mais tarde manjar
Mas a sola era tão dura, ó tão linda!
Não a podíamos tragar!*

*Botamos as sete sortes,
Visto não acharmos terra;
As sete sortes caíram, ó tão linda!
Em nosso Mar-e-Guerra*

A criação poética emanada no decorrer dessa viagem, em princípio, oratória e dialogal, como os cantares paralelísticos, as serranilhas, os lais, os rimances, as xácaras, as baladas, as canções, os vilhancicos religiosos, as quadras soltas e os romances tradicionais, especificamente os de temáticas marítimas, e as cantigas já brasileiras, dispersas em memórias, em algum momento, foram reunidas e deram material para subsidiar o que viria a se constituir como *Fandango; Chegança; Brincar o Marujo; Nau Catarineta; Barca; Chegança de Marujos e Chegança de Mouros*, dentre outras designações. Essas manifestações, embora tenham nomes diferentes, em seu cerne, fixaram como eixo central de suas temáticas as grandes aventuras marítimas dos portugueses frente aos "descobrimientos". Os relatos da época da "Conquista do Além-Mar" permanecem vivos em nossas tradições, sendo reelaborados e ressignificados a todo instante.

*Puxamos pelas espadas
Para o querer matar,*

*Ele puxou pela sua, ó tão linda!
Para seu corpo livrar!*

*Tenham mão, meus marinheiros,
Já não queiram matar!
Antes quero que me comam,
ó tão linda!*

*Ferozes peixes do mar!
E não vós caros patrícios, ó tão linda,
A quem devo estimar!*

*Corre acima Gajeiro!
Àquele topo real,
Vê se descobres terras de Espanha, ó tão linda!
Ou areias de Portugal!*

No Rio Grande do Norte, a presença dessas manifestações é verificada desde o início do século XIX, e, hoje, a Cidade de Canguaretama - RN, com seu *Fandango*, e o seu povoado, Barra do Cunhaú - RN, com a sua *Chegança*, formam um núcleo de referência dessa tradição no Estado. Nesses locais, essas manifestações desenvolveram a teatralização de enredos que utilizam cantos, bailados e representações. São apresentadas no ciclo natalino, que dura do início do mês dezembro até 06 de

janeiro, Dia de Reis. As apresentações também fazem parte dos festejos da padroeira de Canguaretama, Nossa Senhora da Conceição (dia 08 de dezembro), e, em Barra do Cunhaú, acontecem ainda nos meses de janeiro e de fevereiro, quando se festeja Nossa Senhora dos Navegantes. Uma das diferenças básicas existentes entre uma e outra representação é a presença, na *Chegança*, de mais um núcleo dramático, composto pelos *Mouros*. Nesse núcleo, é travado um combate, que representa a luta de *Cristãos* (vestidos de azul) e *Mouros* (vestidos de vermelho). Comumente, essas manifestações desenvolvem as suas apresentações ao lado de uma barca de madeira, com velas abertas, na qual a marujada, em cortejo, caminha até chegar ao pátio de uma igreja ou ao largo de uma praça ou rua. Vestidos de marinheiros, os marujos cantam as peripécias de uma longa travessia marítima até chegarem a um porto seguro. Relatos sobre tempestades e calmarias, sobre o esgotamento dos mantimentos, sobre a fome, sobre os motins, sobre os

combates, sobre as embaixadas, sobre o tirar a sorte para sacrificar um dos tripulantes, culminando com a presença da tentação diabólica e com a intervenção divina (duelo entre o Mal e o Bem), levando a nau a bom porto, dão a tônica de toda a narrativa. O número de componentes que configuram a representação é de aproximadamente 40 pessoas, chamadas de *tripulação*, que se revezam nos papéis de oficiais, marinheiros e marujos. Assim, têm-se os vários personagens, como *mar-e-guerra, imediato, médico, capitão, piloto, mestre e contramestre*, dirigindo, estes últimos, as duas alas de *marujos* (onze por banda), com o *calafate* numa fila e o *gajeiro* na outra. Há também o "*ração*" e o "*vassoura*", que constituem um núcleo cômico. Há, ainda, na *Chegança, os Mouros*. É bom ressaltar que os nomes dos personagens podem variar de região para região e os dos núcleos, de brincantes para brincantes; no entanto, o que se pode constatar é que a estrutura permanece. O acompanhamento da representação geralmente é



feito por uma orquestra de instrumentos variados, como a rabeça, o violão, o cavaquinho, o banjo, a zabumba e o tarol, dentre outros, conforme a disponibilidade de tocadores e de instrumentos dos grupos.

*Não vejo terra nenhuma
Onde se possa aportar!
Vejo sete espadas nuas, ó
tão linda!
Pra vos querer matar!*

*Olha pra estrela do Norte
Que ela vos há de guiar!
Que Jesus, Deus-Menino, ó
tão linda!
Ele vos há de mostrar!*

*Alvíssaras, meu Capitão,
Capitão de Mar-e-Guerra!
Avistei terras bonitas, ó tão
linda!
Portugal que é nossa terra!*

A apresentação pode durar até quatro horas, dependendo da quantidade de *Jornadas* a serem apresentadas. As *Jornadas* se constituem em narrativas poéticas cantadas, tendo como ações a dança, alguns gestos e os movimentos de espadas. Na *Chegança*, vê-se, ainda, o confronto entre *Cristãos* e *Mouros*. Nas *Jornadas*, as histórias têm princípio, meio e fim em

si mesmas. Por isso, são partes e podem ser vistas isoladamente. Fica claro, através delas, aquilo que é, nessa tradição, a junção de poemas esparsos. Elas recebem nomes como os seguintes: 1. O *tirulêu*; 2. O *marinheiro somos*; 3. O *bendito*; 4. *Os louvores*; 5. *No mar largo*; 6. *O roubo da salaia*; 7. *Primeiro a Pança*; 8. *Os corsários e Mouros*; 9. *A nau Catarineta*; 10. *As despedidas* etc.

*Desce aos meus braços,
Gajeiro!
Que eu quero te abraçar,
Que de três filhas que tenho,
ó tão linda!
Todas três hei de te dar!*

*Uma para te vestir,
Outra para te calçar!
E a mais chiquitinha delas, ó
tão linda!
Pra contigo casar!*

Dentre as *Jornadas*, a mais conhecida é a da *Nau Catarineta*, que se constitui como um dos núcleos centrais e conta a história de uma certa nau chamada *Catarineta*, embarcação que ficou à deriva no Oceano Atlântico por um longo tempo. Pelo que está registrado nas canções, cerca de "um ano e um dia"

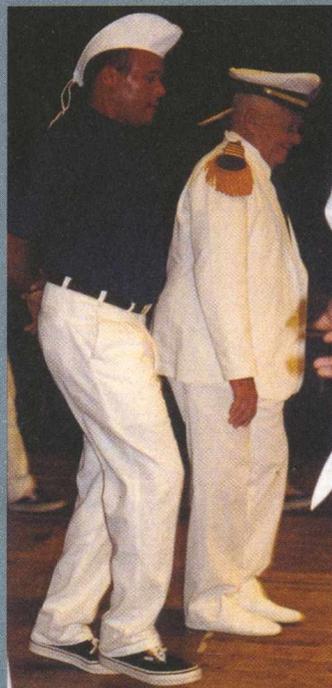
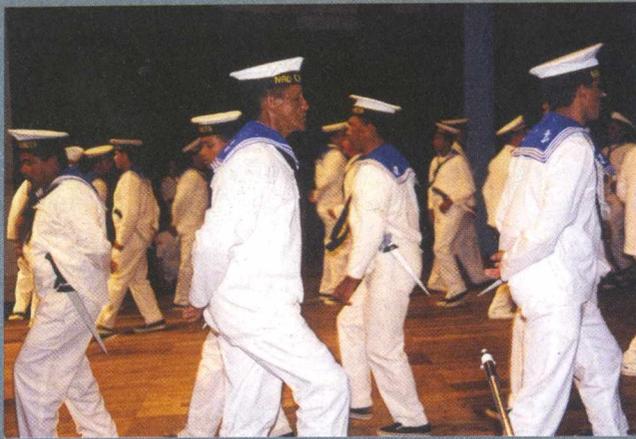
ou "sete anos e um dia". A partir dela, pode-se perceber, com mais clareza, a influência portuguesa que nos chegou, devendo-se ressaltar que o relato dessa Nau, ainda hoje, pode ser encontrado em Portugal. Consta-se que as origens tanto do nome da Nau quanto do Romance são bastante controversas, como se pode ver: a) fala-se que o nome procede do apelido de uma certa embarcação, francesa ou portuguesa; b) fala-se que o nome procede de um romance espanhol chamado *Santa Catarina*; c) também se fala que o romance procede da viagem da nau Santo Antônio, que, em 1565, transportara Jorge de Albuquerque Coelho de Olinda para Lisboa; d) diz-se, ainda, que a nau voltava da Índia; e) lê-se, em documento de 1666, que os capuchinhos Michael Angelo de Gattina e Denis Carli de Piacenza, indo do Brasil para Portugal, encontraram calmarias no Equador e recordaram a tragédia de uma *infeliz embarcação* chamada *Catarineta* e f) diz-se também que, em Portugal, na linguagem popular de várias regiões do país, *Catrina*, significa,

também, *seio de mulher*. As formas arredondadas e graciosas da Nau, assim como a harmonia de suas linhas, teriam levado o povo a compará-la a um seio de mulher. Era freqüente, naquela época, o batismo de naus, por parte da população, com nomes a seu jeito e a seu gosto. Mas houve realmente "uma" Nau *Catarineta* que sofreu dolorosa jornada para Portugal? A hipótese mais provável é que determinada narrativa (ou determinadas narrativas) provocou uma natural projeção do assunto, influenciando sobremaneira a memória coletiva desses povos. Almeida Garret dizia que a identificação do barco e da época do sinistro apaixonava os pesquisadores e possuía uma grande entrada no aparato erudito. No seu *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, de 1843, na XXVI parte, aparece *A nau Catarineta*. E muitos dos elementos sobrenaturais dessa xácara aparecem, ainda, nos romances *El Marinero e Santa Catarina*, bastante divulgados na península ibérica e na América Espanhola, tendo como motivos centrais a sedução demoníaca e a

bondade divina.
*Eu não quero as vossas
filhas,
Nem vós me haveis de as
dar,
Quero a Nau Catarineta, ó
tão linda!
Para nela navegar!*

*Então eu quero voss'alma,
Quando do corpo apartar,
Com as dos vossos
companheiros, ó tão linda!
Para me acompanhar!*

Uma das primeiras denominações a respeito dessa manifestação, no Brasil, foi feita por Mário de Andrade. Ele reuniu sob uma mesma alcunha o termo "danças dramáticas", para nomear bailados que desenvolviam uma ação dramática propriamente dita e, também, para nomear bailados coletivos que obedeciam a um dado tema tradicional e caracterizador. Esses bailados respeitavam a forma da suíte, sendo obras musicais constituídas pela seriação de várias peças dramáticas. Embora o termo "dança dramática" permaneça para denominar essa arte, destaca-se que há, sobretudo no *Fandango* e na *Chegança*, a predominância da narrativa. Ela, ao ser



Fotografias do Fandango de Canguaretama /RN

acompanhada pela dança e pela música, nos leva a visualizar um cenário épico. Como afirma Cascudo (1998), existem três tipos de gênero narrativo popular: o *solau*, a *xácara* e o *romance*. O *solau* é mais sentimental e lírico, lamenta mais do que reconta o fato, tem menos diálogo e mais lamento; na *xácara*, prevalece a forma dramática, o poeta diz pouco, às vezes nada, os personagens falam mais; no *romance*, predomina a forma épica e conta e canta principalmente o poeta. Portanto, o *Fandango* e a *Chegança*, ao serem

estruturados em formas poéticas de grande extensão, em que se narram histórias de personagens que estão envolvidos em acontecimentos e situações diversas, têm a força do gênero épico, uma narrativa que assume a forma de uma Epopéia Marítima. E o que se pode notar, ainda, de particular, na maior parte da estrutura narrativa dos dois grupos, é que a valorização histórica suplanta um só herói e dá ênfase à coletividade.

*Sai-te d'aqui, Inimigo!
Inimigo Infernal!*

*Que esta alma não é minha,
ó tão linda!
Nem eu a ti posso dar!*

*É de Deus, Nosso Senhor, ó
tão linda!
Que me aprouve criar!
E as dos meus
companheiros, o tão linda!
Também não t'as posso dar!*

Chegando ao bom porto, pode-se constatar um dos legados da cultura portuguesa em nossas terras e verificar que a riqueza do conhecimento dessa arte vem sendo transmitida de geração a geração por meio dessa tradição cênica, que

se eterniza através do que é escutado, observado, imitado, repetido e reiterado. Dessa forma, tem-se a celebração dos feitos dos navegadores que partiram um dia em busca de outras terras, se aventurando por mares nunca antes navegados, sendo essas histórias revestidas de ações, cantos/ narrativas e bailados, que se colocam em evidência e apontam particularidades e singularidades preñes de significados, escrevendo no tempo e na memória de seus descendentes uma tradição épica que se eterniza por essas paragens.



Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO
Fones: (84) 3211-8241/fax: 3211-8790

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Direção Executiva e Fotografias
Candinha Bezerra

Consultoria
Luiz Assunção

Colaborador
Ricardo Canella
Doutorando em Ciências Sociais-UFRN

Revisão
Anna Maria Jasiello

Programação visual
Jussie Costa
nacaopotiguar@uol.com.br

PROJETO
NACÃO
Potiguar
Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA
MINISTÉRIO
DA CULTURA

grupo
TELEMAR

**DIÁRIO
DE NATAL**

Projeto
Ter